



O vale da feitura da alma

O modelo pós-kleiniano da mente e suas origens poéticas

Autora: Meg Harris Williams
Tradutor: Valter Lellis Siqueira
Editora: Blucher, 2019, 415 p.

Resenhado por: Maria Silvia Valladares,¹ Brasília

Ao ler este livro, deparamo-nos com um verdadeiro intercâmbio entre a arte literária e a psicanálise. O modelo pós-kleiniano da mente e suas origens poéticas permeiam toda a obra.

A autora inicia *O vale da feitura da alma* com o romanesco *Sir Galvão e o Cavaleiro Verde*, datado do século 14, em que aventuras cavaleirescas e poemas oníricos marcam a defesa de valores morais cristãos, os quais passam a ter um significado muito mais amplo, com vistas à “feitura da alma” na nova ordem político-social que começa a se esboçar no Ocidente.

A seguir, em “A evolução de Psique”, somos embalados pelos poemas de John Keats, influenciados pelo *Paraíso perdido*, de John Milton. Através de seus escritos, diz a autora, Milton recontou também os mitos de Orfeu e Prosérpina, na sua relação com a musa. Esta, na verdade, é a capacidade de produção do artista, resultado da evolução de seus instrumentos internos.

Em “Ascensão e queda de Eva”, vemos a influência de Milton nos processos de internalização e formação de símbolos por meio da ideia de que a musa se enraíza no útero de Eva.

Já em “Édipo na encruzilhada”, a autora apresenta as peças de Sófocles com muita sensibilidade, numa investigação da natureza do sofrimento e de seu potencial para a criatividade ou para o sepultamento da alma.

Posteriormente, ao encontrarmos Homero e a *Odisseia* (“As urdiduras de Atena”), Meg Harris Williams enfatiza a longa caminhada de Odisseu (ou Ulisses) – figura que antecede Édipo – em busca da descoberta do símbolo de sua identidade.

Em toda a narrativa, há uma constante integração da obra de Keats, Homero, Sófocles e Shakespeare com conceitos psicanalíticos pós-kleinianos,

1 Membro efetivo e analista de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

pinçados da poesia e da literatura ocidental com muita perspicácia e beleza. O leitor se envolve com os poemas de Keats, com o *Paraíso perdido* de Milton, com a *Odisseia* de Homero e com as peças de Sófocles, por meio da análise de seus personagens, o que nos leva a conhecer o âmago de sua alma.

Shakespeare fecha com chave de ouro esses capítulos literários, com “O monumento a Cleópatra”, em que a autora nos lembra do jardim de Keats, da encruzilhada de Édipo e da caverna dos sonhos de Odisseu, ao mesmo tempo que traça um paralelo entre Cleópatra versus Marco Antônio e Otelo versus Iago.

O conflito estético nessas implicações poéticas está sempre presente, desnudando os objetos internos, o objeto combinado, as introjeções, bem como o narcisismo dos personagens, seus sofrimentos e as dores de sua alma.

Em toda a obra, os conhecimentos psicanalíticos são assim inter-relacionados, particularmente os de Klein, Bion e Meltzer. A autora transcreve o artigo “Criatividade e a contratransferência”, de Meltzer, em que ele abarca a obra de Bion com muita propriedade.

Por fim, Meg Harris Williams dedica um capítulo especial à poética pós-kleiniana, e ainda nos presenteia com dois apêndices dedicados a Bion: “As raízes de Rosemary: a musa nas autobiografias de Bion” e “Confissões de um superego em maturação, ou O lamento da aia”, nos quais, através da trilogia *Uma memória do futuro*, podemos ver a relação de Bion com seus objetos primários, a mãe-musa e a aia indiana-musa.

É particularmente tocante o modo como a autora transmite a ideia de uma psicanálise como forma de arte, em sua busca por significado, entrando em contato com a misteriosa criatividade dos objetos internos.

Maria Silvia Valladares

mariasilviavalladares@gmail.com